



Por um Azul de Fevereiro

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco
(....)

Carlos Drummond de Andrade



Wanilce Vilalva

Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Líder do grupo de pesquisa Estudos de Literatura: memória e identidade cultural (CNPq) e Coordenadora do Núcleo Wladimir Dias-Pino. Atualmente, exerce novamente a função de Coordenadora do Programa de Pós-graduação

walnicevilalva@unemat.br

A potência poética de **Azul de fevereiro**¹ se revela desde o título e se intensifica pela escolha da epígrafe, um dos maiores poemas em Língua Portuguesa, *A Máquina do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Dessa referência direta ao primeiro poema do livro **Claro Enigma**, aliás, o meu preferido da Literatura Brasileira, nasce a sugestão para o título desta breve reflexão.

Tocamos a própria raiz do lírico, como diz Júlio Cortázar², “um avançar a procura do ser”. E assim digo, convocando o lírico para falar da prosa, do conto mahonino. E se assim digo, é porque em **Azul de Fevereiro** persiste esse deslocar, essa ânsia pela palavra alusiva que incorpora uma procura obscura do ser, sem o abandono da refinada ironia, em uma densidade advinda da retenção analógica e subversiva. Dessa retenção acomoda-se uma refração difusa pela composição sinestésica, como por exemplo, de um “vento morno e preguiçoso que ventava com descaso, pelo sol relapso manso dos domingos”. (Mahon, 2018, 16). E o resultado dessa composição forja um mundo em calma e lentidão.

O narrador aprisiona um instante, fazendo dele lentidão, imorredouro. E toma posse do ser sem saída “Mas ali na ponte estreita, não havia como ir para frente ou para trás.” (Mahon, 2018, 31) O ser ilhado numa rotina (seja no conto *Maurício*, seja *Um doce de marido*, seja “em plantar um quintal inteiro de ontem”) ilumina-se pela quebra, pela ruptura, na narrativa, de *um certo* e derradeiro cotidiano. Evocador da rotina insignificante, das ações feitas em repetição, pela ausência mesma de emoção, esse narrador mahonino está muito longe da contemplação, muito longe do espanto. Há uma indiferença no e sobre o mundo que cresce revertido, feito invertido, que desloca e muda a direção da experiência.

Em **Azul de fevereiro** as narrativas nos

[1] MAHON, Eduardo. *Azul de Fevereiro*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

[2] CORTAZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

trazem histórias de cisão da rotina, desse deslocar da existência de um certo modo de viver, depõe-se “um preço do passado”. Nesses mundos projetados pela linguagem, a indiferença e o sofrimento retidos tragam as personagens como “espelhos cansados” do mundo porque “o espelho fazia o que era esperado: refletia...” (Mahon, 2018, 37). Se, por vezes, esse narrador indiferente faz da contenção, da retidão, um lastro da linguagem criadora, a brevidade expõe uma capacidade de fabulação da experiência. Neste livro, mais que em outros, essa brevidade (intensa) não pode ser confundida com velocidade. Jamais. Tudo que não há é pressa nestes mundos *Azul de fevereiro*. Decorre do trabalho com a linguagem, o efeito contrastivo entre concisão, retenção e lentidão: o mundo movente é lento, entediado e sofrido. Um sofrimento que assola a personagem solitariamente. Não se compartilhe sofrimento, não é mesmo? Tão pouco espere solidariedade e compaixão alheias.

Azul de fevereiro pincela o ‘colorido’ da irremediável solidão no mundo. E a indiferença pela dor humana. Cada personagem, dos sessenta contos, espreita sua dor solitária e incompreendida por outrem. Se o narrador é esse maestro solitário, o escritor, Eduardo Mahon, é essa máquina de fabricar histórias, emoções, afetos e desilusões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAHON, Eduardo. **Azul de Fevereiro**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

CORTAZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. 2.edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

